

Questão 61

QUESTÃO 61

Leia os textos 1 e 2.

Texto 1

Aos óculos

Só fingem que põem
o mundo ao alcance
dos meus olhos míopes.

Na verdade, me exilam
dele com filtrar-lhe
a menor imagem.

Já não vejo as coisas
como são: vejo-as como eles querem
que as veja.

Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cômico
do logro, lhes sou grato

por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.

(PAES, J. P. *Prosas seguidas de Odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 63, 1992.)

Texto 2

“Do grego *odé* e do latim *ōde* (ou *ōda*), a *ode* era, na antiguidade clássica, um poema destinado a ser cantado, ou um canto alegre, triste ou lírico. Era um poema de alguma extensão, de elevado assunto ou nobre, expressando sentimentos ilustres, em homenagem a algo ou a alguém. Apresentava também a elaboração estrófica, bem como estilo formal nobre e cerimonioso”.

(Adaptado do verbete “Ode”, elaborado por Ana Ladeira. In: CELA, C. *E-Dicionário de termos literários* (projeto abrigado pela Universidade Nova de Lisboa). Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ode>. Acesso em 31/05/2025.)

É correto afirmar que a ode mínima de José Paulo Paes reelabora a definição clássica de “ode” ao

- a) respeitar a elevação do assunto, a nobreza do tom e os sentimentos ilustres.
- b) utilizar-se de um tom elevado e cerimonioso para a homenagem.
- c) dirigir-se a um objeto, vinculando-se ao gênero canção popular.
- d) celebrar um objeto fundamental, os óculos, e não algo/alguém ilustre.

RESOLUÇÃO**ALTERNATIVA: D**

José Paulo Paes, em sua “ode mínima”, celebra um objeto cotidiano e banal (“óculos”), em tom reflexivo e irônico. Há reflexividade filosófica, mas o objeto não é ilustre no sentido clássico, e sim fundamental e cotidiano. Essa escolha subverte a tradição do gênero, que celebrava, por exemplo, heróis e deuses.